



REPRESENTAÇÕES E LEITURAS DA CIDADE A PARTIR DO SUJEITO COMUM: A PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES DO 9º ANO DO CEPI PROFESSOR ALCIDES JUBÉ.

Nayara Cristina Gonçalves Silva¹;

Vinícius Polzin Druciaki²;

João Paulo Oliveira Huguenin³.

RESUMO

O presente artigo é resultado de pesquisas desenvolvidas para elaboração de um trabalho de conclusão de curso, em Arquitetura e Urbanismo, realizadas em 2021 e 2022. A discussão se constrói em torno da representação e a leitura de cidades a partir da experiência e perspectiva dos sujeitos que vivem essas cidades, sobretudo a Cidade de Goiás - GO, marcada com o título de patrimônio histórico. Para isso, foi proposta e aplicada uma metodologia participativa que envolveu a produção de desenhos realizados por estudantes do 9º ano no Colégio Estadual de Período Integral Professor Alcides Jubé, na Cidade de Goiás, e imersões em campo, norteadas pelos apontamentos identificados com os estudantes.

Palavras-chaves: Planejamento urbano, processo participativo, representação urbana, Cidade de Goiás.

RESUMEN

Este artículo es resultado de una investigación desarrollada para la elaboración de un trabajo de conclusión de curso, en Arquitectura y Urbanismo, realizado en 2021 y 2022. La discusión se construye en torno a la representación y lectura de las ciudades desde la experiencia y perspectiva de los sujetos que viven en ellas. ciudades, especialmente la Ciudad de Goiás - GO, marcada con el título de patrimonio histórico. Para ello, se propuso y aplicó una metodología participativa, que implicó la producción de dibujos realizados por estudiantes de 9º año del Colégio Estadual de Período Integral Profesor Alcides Jubé, en la ciudad de Goiás, e inmersiones en el campo, guiadas por las notas identificadas. con los estudiantes.

Palabras clave: Planificación urbana, proceso participativo, representación urbana, Ciudad de Goiás.

INTRODUÇÃO

Várias são as formas de se comunicar, direta ou indiretamente. No campo do planejamento urbano, como em outras profissões, os agentes que exercem a função de planejadores são condicionados a se ajustarem a uma linguagem específica. Linguagem

¹ Programa de Pós Graduação em Geografia – UEG / Campus Cora Coralina, e-mail: nayaracristina.design@gmail.com.

² Programa de Pós-Graduação em Geografia – UEG / Campus Cora Coralina, e-mail: vinicius.druciaki@ueg.br

³ Curso de Arquitetura e Urbanismo - UFG / Campus Goiás, e-mail: arquiteto.huguenin@gmail.com.



baseada, primordialmente, na representação técnica. Essa condicionante transforma o planejamento urbano em uma disciplina inacessível a quem não foi ensinado a expressão técnica do mesmo. No entanto, muito se fala em processo participativo e espaços democráticos e inclusivos, condições que estimam a aproximação de sujeitos que podem não se familiarizarem com a fala técnica do planejamento urbano tornando necessária a existência de uma mediação, dificultando a autonomia crítica de quem dialoga com ele.

A Cidade de Goiás (GO), objeto de estudo deste trabalho, possui uma configuração urbana composta por um centro histórico, um centro comercial, periferias pertencentes ao tecido urbano e aglomerados urbanos desconectados completamente desse tecido, situados nas áreas dos distritos⁴, cada qual tendo seu nível de prioridade de atendimento por parte do poder público municipal.

A cidade passa pelo processo de discussão e revisão de seu plano diretor municipal desde 2016. Enquanto isso, o crescimento do município vem sendo embasado no “Código de Postura”, datado de 1978 sob a forma da lei nº22, bem como no seu último plano diretor datado de 1996 sob a forma da Lei nº 206. Logo, ambos instrumentos apresentam condições insuficientes para orientar o atual crescimento e desenvolvimento do município.

Sob a gestão 2020-2024, iniciou-se o processo de consulta pública e de construção da revisão do novo plano diretor participativo (PDP) do município. Com o objetivo de tornar esse processo mais democrático, intuições da sociedade civil têm se organizado de modo a levantar questões e propor debates inclusivos a todas as esferas da população vilaboense⁵. Após participação na audiência pública digital, convocada pela prefeitura da cidade no dia 24 de agosto de 2021, sob a proposta de tratar do plano plurianual – PPA 2022-2025 e da lei orçamentária anual – LOA 2022, integrados ao processo de consulta pública do novo plano diretor participativo do município de Goiás, concluimos que o referido PDP tem se mostrado pouco favorável a efetiva participação da sociedade.

Ainda imerso nesse contexto, esse trabalho objetiva pensar formas participativas de leitura e análise da cidade, através do desenho, que envolvam e se comuniquem com o sujeito comum da cidade, aquele relegado às margens sociais e territoriais e que é diretamente afetado, na sua vivência urbana, pelo modo como a cidade cresce e se desenvolve. Somente com uma

⁴ Não entraremos aqui na conceituação e discussão sobre as áreas rurais, assentamentos e distritos do município, mas buscamos tratar e retratar essas periferias.

⁵ Gentílico para nomear os sujeitos que nascem no território municipal da Cidade de Goiás, GO.

análise do cotidiano em que os sujeitos comuns conheçam e apresentem seu próprio espaço seremos capazes de inseri-lo em um processo participativo.

Como metodologia, foram realizadas revisões bibliográficas, estudos de referências, participação nas audiências públicas municipais, contato com a comunidade para identificar nos coletivos sujeitos-chaves para o reconhecimento e apresentação da cidade pelo seu cotidiano e linguagem e o desenvolvimento das análises através de representações gráficas. A inclusão da comunidade é primordial para esse trabalho e considerando a realidade pandêmica mundial, a metodologia foi pensada de modo a não expor nenhum sujeito envolvido a qualquer risco de contágio, cumprindo os protocolos de saúde e respeitando o cronograma de vacinação do município.

Ao final das discussões e levantamentos realizados, uma prévia diretriz de planejamento será apontada nessa proposta considerando, principalmente, a perspectiva do sujeito comum na construção da cidade, suas memórias e a relação toponímica com o território que ele habita, entendendo topofilia, conforme conceituação de Tuan (1974, p.5), como “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência [...]”, na intenção de propor reflexões sobre a inserção do planejador, enquanto profissional, na cidade que se está planejando.

METODOLOGIA

Um processo investigativo deve sempre se adaptar às condições objetivas de sua realização, principalmente quando se trata de um processo que envolve sujeitos e condições externas à comunidade acadêmica. Por isso, a base bibliográfica acompanhou todo o caminho do trabalho, a fim de suprir questionamentos e ações/respostas não planejadas na elaboração da metodologia.

Como o trabalho se propõe a apresentar uma possibilidade comunicativa através de representações gráficas que consideram a perspectiva do sujeito comum, além da pesquisa bibliográfica, os desenhos *in loco* e pesquisas de campo também foram necessários. Uma alternativa diante do enfrentamento da Covid-19 foi a visita guiada através de recursos computacionais como o Google Street View. Considerando o aumento das confirmações de casos de covid-19 na Cidade de Goiás a metodologia foi adaptada, optando por trabalhar com coletivos para conseguirmos acessar um maior número de narrativas.

Utilizamos a linguagem do desenho para lidarmos com as narrativas descritivas e de memória fornecidas pelos sujeitos levantados nesse trabalho, como ferramenta de reconstrução.

A partir dessa descrição oral, iniciou-se, junto a esses sujeitos, a etapa de construção imagética dessa narrativa. A proposta era analisar como essa oralidade é recebida, interpretada e representada, o que um profissional em formação é condicionado a considerar numa leitura de cidade e como a perspectiva e comunicação de um sujeito comum é entendida por um sujeito tendencioso a utilização da linguagem e representação técnica do planejamento urbano.

A etapa seguinte dessa metodologia baseou-se na ancoragem no local narrado pelo sujeito-chave. Para essa etapa, novos desenhos foram produzidos a partir de um exercício de observação *in loco*. Os desenhos produzidos tinham como objetivo mostrar o local construído e vivido, e a partir da apresentação dessas cidades iniciar as reflexões de como a cidade é contada e como essa narração é entendida.

Inicialmente, a proposta era que os sujeitos fossem trabalhados individualmente, porém com o aumento dos casos confirmados de covid-19 na Cidade de Goiás durante o mês de janeiro de 2022, optamos por trabalhar com coletivos para conseguirmos acessar um maior número de narrativas. Buscamos esse sujeito através do coletivo representado pelo Centro de Ensino em Período Integral (CEPI) Professor Alcides Jubé, entendendo que lidaríamos com sujeitos vivendo a fase da infância e adolescência, que estão inseridos em uma instituição de ensino embasada nos moldes tradicionais de ensino-aprendizagem, e seu deslocamento pela cidade era condicionado e limitado.

Propomos a criação de 3 oficinas com o objetivo entender onde esses sujeitos viviam, como ele se deslocavam pela cidade e como ele a identificava. A dinâmica se desenvolveu sobre um mapa da Cidade de Goiás, na escala 1:15000, impresso em tamanho A0. As propostas das oficinas foram desenvolvidas considerando que seriam atividades realizadas dentro de uma disciplina eletiva.

Para a oficina 1, a dinâmica consistiu em identificar os sujeitos, o bairro em que viviam e como se deslocavam pela cidade. Para isso, utilizaremos post-its, marcadores e lápis de cor. Cada sujeito identificou no mapa, com auxílio quando necessário, seu bairro e marcou o trajeto que era feito até a escola, seu principal deslocamento.

Para a oficina 2, a dinâmica foi a construção de um mapa mental coletivo sobre o trajeto definido a partir da oficina 1. Cada sujeito desenvolveu um, ou mais, desenho de memória de uma parte do trajeto que possuía relevância suficiente para ele, ao ponto de conseguir representa-lo sem a necessidade de observá-lo. Nesta oficina, trabalhamos com papel



em formato A5 para que os desenhos fossem produzidos de forma mais rápida, sem muitas preocupações sobre detalhes ou aplicação de alguma técnica.

Para a oficina 3, a proposta consistiu na complementação desse mapa mental coletivo com desenhos da pesquisadora, estimulando a identificação de novos elementos do trajeto pelo sujeito e a análise das diferentes visões sobre aquele trajeto, tanto por quem o percorre diariamente, quanto por quem o percorre ocasionalmente e com objetivo específico. Para o desenvolvimento desses desenhos, realizamos uma imersão em campo partindo do deslocamento pela cidade por meio do transporte público coletivo.



Fig. 01: registro do produto resultante das oficinas realizadas no CEPI Professor Alcides Jubé, 2022. (Fonte: produção própria).



Ao final da aplicação da metodologia, geramos uma análise de como a cidade é contada por quem vive seus trajetos e cenários, a cidade ilustrada por quem ouve essa descrição e como é representado esse território construído a partir da observação de quem representa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Centro de Ensino em Período Integral (CEPI) Professor Alcides Jubé fica situado na rua Edgar Camelo, esquina com a Rua Bom Pastor, Cidade de Goiás - GO, região oeste da malha urbana consolidada, a 200 metros do viaduto da rodovia GO-164, um dos acessos à cidade. A instituição trabalha com estudantes do 6º ano do ensino fundamental à 3ª série do ensino médio, além de oferecer atividades para o período integral. Foi através de uma das atividades oferecidas para o período integral que propusemos a aplicação da metodologia para o reconhecimento da cidade pela perspectiva dos sujeitos que vivem fora do centro histórico.

Já nos disse Holzer (2000, p.111) que “qualquer trabalho que se refira a espacialidade humana deve referir-se à memória”. E, partindo da experiência de conhecer a cidade pela perspectiva e memória de sujeitos que vivenciam as dinâmicas periféricas dessa cidade, com a utilização da metodologia aplicada, conseguimos catalogar os produtos desenvolvidos em seis tópicos: (1) os marcos arquitetônicos; (2) os elementos que marcavam os deslocamentos nos trajetos; (3) as paisagens naturais; (4) as relações humanas; (5) as paisagens afetivas; e (6) o intangível.

Os marcos arquitetônicos foram identificados como elementos identitários das paisagens em que estão inseridos, como perfis arquitetônicos que se destacavam dos demais nos cenários em que estavam inseridos. Nos elementos que marcam o trajeto e os deslocamentos, a via pública é determinante. Uma possível análise desse fato é de que os estudantes que participaram da pesquisa enfrentam longos percursos no processo de deslocamento até a escola. Tanto dentro do perímetro urbano quanto nos trechos de rodovia, a estrada se revela dominante e serpenteante. A paisagem, quase toda, é ela. Em alguns desenhos a estrada que se revela não pertence ao município da Cidade de Goiás, ela existe na memória de estudantes Xavantes que, marcados pela saída de seu contexto social e morada original, entendem o processo de percurso de casa para escola como o trajeto que parte da aldeia até o atual local, seu deslocamento não é marcado pelo ir e vir diário, mas pelo partir e retornar à sua comunidade original.

Nas produções marcadas pelas paisagens naturais, mais do que um aglomerado arbóreo, os elementos representados marcam a passagem do tempo, a mudança das estações, e como isso permanece no reconhecimento do percurso e do local em que se está.

As relações humanas são um fator que marca a vida de todos. Gehl (2013), nos coloca que o homem busca o homem, em uma tentativa de ver o outro e ser visto por ele. E embora esse seja um fato aceito, percebemos que nessa modalidade, todos os desenhos em que surgem a figura humana, foram produzidos por estudantes do povo Xavante. Algumas hipóteses podem ser levantadas aqui, seja pelo cenário de pandemia que exigiu o distanciamento social durante mais de dois anos, gerando uma nova relação entre as pessoas e os espaços urbanos de uso público e coletivo, seja pela formação social e consciência coletiva distintas entre os estudantes nascidos no município e subordinados às regras de conduta implantadas e os estudantes indígenas que vivenciam outro contexto e formação.

As paisagens afetivas surgiram de lugares que não compõem o trajeto até a escola, mas que vem com os estudantes como um lugar seguro, afastado do núcleo urbano mas contendo ainda alguns indícios de dinâmicas e elementos urbanos, como os caminhos e a presença humana que, mesmo não se apresentando na imagem de uma pessoa, revela sua posição através de uma ação que exigiria a presença humana. Nessa categoria, surge na paisagem elementos naturais que não fazem parte do conjunto paisagístico da Cidade de Goiás, em desenhos que também foram construídos por estudantes Xavantes e revelam esse lugar que é deles e que se mantem nas suas percepções de cidade enquanto lugar de coletividade.

A última categoria, o intangível, traz a construção imagética de um lugar nunca visitado, que não foi ainda experienciado, mas se mantem como um desejo. Um lugar que, diferente das paisagens afetivas, não existe na memória, mas sim, na imaginação. Essa é uma cidade ainda irreal, construída com base em elementos externos a tudo o que o sujeito possa estar envolvido, seus sonhos e ambições e o deslocamento até ela acontece na velocidade de um pensamento.

Após essa primeira organização conseguimos identificar o quanto as referências corporais desses sujeitos influenciam a constituição dos seus lugares. Seus deslocamentos físicos e mentais, de memória e imaginação, criam uma relação de reconhecimento e pertencimento com esses espaços. Os fatores que condicionam esses deslocamentos proporcionam perspectivas e leituras desses espaços que apontaram para subjetividades muitas vezes negligenciadas durante os exercícios de análise e proposição projetual. Depois das



oficinas desenvolvidas com os estudantes do CEPI Professor Alcides Jubé, partimos para a imersão pelos espaços e trajetos apontados durante essas oficinas.

O levantamento feito durante o percurso do transporte público coletivo da cidade não considerou elementos que, por conhecimento do lugar, tem sua existência reconhecida, mas que não foram visualizados devido ao posicionamento dentro do veículo. Algumas peças foram produzidas a partir de anotações a respeito do trajeto e detalhes fixados na memória, resultando na elaboração de uma cidade-memória. Em partes do trajeto experienciado durante a imersão, não existia entre os pesquisadores e o espaço nenhum acúmulo de experiências, apenas expectativas e aspirações em relação ao sítio. E, em várias situações, o momento da pausa significava uma parada do veículo para embarque e desembarque de passageiros. Logo, a perspectiva de dentro do ônibus era muito estreita, o campo de visão era muito limitado, do tamanho de uma janela. E assim como a janela, na memória coube apenas o que podia ser capturado de imediato.

O resultado dessa experiência apresentou uma leitura construída a partir de fragmentos de memória e uma representação construída com base na observação *in loco*. Além da imersão pelo transporte público coletivo, também foi realizada a imersão com deslocamento pedonal por alguns bairros periféricos inseridos na malha urbana.



Fig. 02 e 03: imagens produzidas a partir das imersões *in loco*, 2022. (Fonte: produção própria).

Dessa vivência surgem as leituras sobre a cidade que observamos e a cidade que lembramos. Para Tuan (1974) *apud* Holzer (2000, p. 113) “o lugar encarna as experiências e as aspirações pessoais, é uma realidade que deve ser compreendida da perspectiva dos que lhe dão significado”. Assim, a relação, ainda que passageira, que temos com os espaços, seus



equipamentos, seus sujeitos, suas funções, nos fazem perceber ou ignorar características identitárias dos lugares. Quando mantemos vínculos com um determinado lugar por apenas um motivo e ignoramos qualquer outra atividade que possa existir ali, acabamos por limitar todas as relações e urbanidade existente.

Ainda quando falamos sobre as representações de periferias, existe uma questão cartográfica e tecnológica que acaba por invisibilizar ainda mais esses espaços, principalmente em pequenas cidades. Uma das metodologias propostas para a elaboração das peças gráficas foi a observação via Google Street View, porém a maior parte dessas periferias não possui o reconhecimento por imagens. O acesso e a leitura dessas periferias somente é possível via contato direto, uma vez que a análise por mapas e plantas técnicas podem fornecer algumas informações referentes a uma vivência bidimensional, mas nada diz sobre o que acontece quando nos posicionamos na mesma altura dos que caminham por ali. No caso da Cidade de Goiás, o inverso acontece no perímetro do centro histórico, onde é possível visitar quase todas as ruas utilizando apenas os recursos do Street View.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos as pesquisas para o desenvolvimento deste trabalho, nossa proposta era questionar a linguagem do profissional de planejamento urbano a fim de proporcionar diálogos com esses profissionais acerca de que cidades não são bolos com receitas prontas, de que não necessariamente a solução aplicada a um problema identificado em uma cidade vai resolver o mesmo problema identificado em outra. A proposta era oferecer e incentivar uma escuta empática em substituição à escuta prepotente praticada pelos profissionais de planejamento urbano, entendendo os lugares de fala dentro das cidades.

Com o caminhar da pesquisa, e até com nosso próprio caminhar pela cidade entre os sujeitos que vivem essa cidade, reconhecemos o quanto esse exercício de experienciar e escutar pode nos revelar a quantidade de cidades que existem dentro de uma única cidade. Entender o espaço urbano tendo como referência o corpo humano, sua posição geográfica, seu alcance sinestésico, seus deslocamentos físicos e mentais, sua memória e imaginação, revelam uma compreensão que extrapola qualquer limite territorial e físico.

Cada sujeito constrói e vivencia sua própria cidade baseado nas experiências que determinado lugar proporcionou, e quando entendemos que, ainda que profissionais de planejamento somos também sujeitos inseridos nessa cidade, temos compreensão da dimensão

e da importância da elaboração de propostas projetuais inclusivas, democráticas e acessíveis, estruturadas não somente nos conhecimentos técnicos adquiridos ao longo da trajetória profissional, mas nas demandas e vozes que a própria cidade fornece. Afinal,

“[...] na experiência do lugar existe a sensação de familiaridade, enquanto que na paisagem somos observadores, pessoas fora da cena. Por isso o papel do tempo, da vivência prolongada, é fundamental para a caracterização do lugar”. (HOLZER, 2000, p.119).

Cenários que envolvem pequenas cidades podem ser tão segregadores quanto os que envolvem as grandes cidades. Relações de poder existem em todas as esferas, e a invisibilização resultante disso acarreta em prejuízos que alteram o curso de desenvolvimento de muitas comunidades. A Cidade de Goiás, enquanto cidade que possui em seu desenho urbano a existência de dois centros de desenvolvimento que disputam as atenções dos investimentos públicos e do favoritismo político, desdobra outros cenários de negligência urbana com as periferias e distritos que crescem e resistem como podem, estruturados em seus próprios investimentos e capacidades.

Seu maior patrimônio são seus moradores que, circulando por suas artérias, levam e trazem de e para seus espaços o reconhecimento e o valor necessários para que as relações de pertencimento sejam estruturadas e fortalecidas. Relações essas que agregam aos espaços urbanos a identidade necessária para que os alicercem sejam reconhecidos. Antes de propor cidade em cima de cidade, a principal função do planejador urbano, do arquiteto-urbanista, do geógrafo, ou outros profissionais estudiosos de cidade, deve ser a escuta. Antes de abrir gigantescas pranchas, cheias de desenhos perfeitamente traçados com todos os textos de especificações técnicas, todas as cotas, escalas, nortes e eixos, deve-se abrir os olhos e observar com sensibilidade.

Cidades falam por si mesmas, comunidades falam por si mesmas e, muitas vezes, sabem qual a solução mais apropriada para as suas demandas. Cabe aos profissionais responsáveis pela projeção dessas cidades saber ouvir para identificar, entendendo que quanto menos tempo temos de envolvimento com aquele espaço, menos formação de memória desse lugar possuímos, a não ser as do lugar do outro.



REFERÊNCIAS

CEPI JUBÉ. *In:* Instagram, 2020. Disponível em: <<

<https://www.instagram.com/cepijube2/>>> Acesso em: 01.Abr. 2022.

CERTEAU, Michel De. **A invenção do cotidiano.** Petrópolis: Editora Vozes, 3ª edição, 1998.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas.** São Paulo: Perspectiva, 2013.

HOLZER, Werther. **Memórias de viajantes: paisagens e lugares de um novo mundo.**

GEOgraphia – Ano. II, Nº 3, 2000.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades.** 3ª ed – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. – (Coleção Cidades)

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. **Quando a rua vira casa: apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro.** São Paulo: Projeto, 1985.

SILVA, Jonathas Magalhães Pereira da. **Desenho como questionamento: distintas dimensões de planos e projetos urbanos.** Rio de Janeiro: FAUFRJ, São Paulo: PUC-Campinas. 1ª edição, 2019.

TUAN, Yi – Fu. **Topofilia: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** New Jersey, 1974.

FORMAÇÃO ADMINISTRATIVA DA CIDADE DE GOIÁS. *In:* IBGE Cidades. Disponível em:<<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/goias/historico>>> Acesso em: 21.mar.2022.